

Notas sobre língua, história e afetos: professor Aryon e o povo Xetá

Lilianny Rodriguez Barreto dos Passos¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve reflexão acerca do arquivo sonoro da língua Xetá constituído pelo linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues junto aos grupos familiares, entre os anos de 1960 e 1961, durante expedições científicas na floresta Serra dos Dourados, região noroeste do estado do Paraná. A partir de pesquisa bibliográfica e etnográfica, este artigo explora os múltiplos sentidos desse arquivo, na medida em que esse ultrapassa o espaço-tempo de sua produção e atravessa a identidade, a história, a vida política e afetiva de diferentes gerações do povo Xetá. Além disso, busca compreender as formas em que entrelaça a trajetória de vida do linguista e do povo Xetá, em diferentes contextos e temporalidades.

This article presents a brief reflection on the sound archive of the Xetá language compiled by linguist Aryon Dall'Igna Rodrigues in collaboration with Xetá family groups between 1960 and 1961, during scientific expeditions in a forest located at Serra dos Dourados, in the northwest region of Paraná state, Brazil. Based on bibliographic and ethnographic research, this study explores the multiple meanings of this sound archive, as it transcends the spatio-temporal boundaries of its production and intersects with the identity, the history, and political and affective lives of different generations of the Xetá people. Furthermore, this paper seeks to understand how the life trajectories of the linguist and the Xetá people intertwine in different contexts and temporalities.

Palavras-chave: coleções etnográficas, línguas indígenas, povo xetá.

¹ Secretaria de Estado da Educação do Paraná

“Nós estamos vivos! É muito triste o que fizeram com a gente. Eu quero que os outros conheçam a nossa história, o que a gente tem é a história. Mas a gente não tem nada pra mostrar. Se a gente tem esse material, a gente pode mostrar. Com esse material eles vão saber da nossa história” (Benedita, TI de São Jerônimo, outubro de 2017 ao ouvir as gravações de áudio do professor Aryon. Passos, 2021, p. 300).

Primeiramente é necessário dizer que me sinto honrada em colaborar com esta bela homenagem alusiva ao centenário de nascimento do ilustre professor, pesquisador e linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi um dos precursores em estudos das línguas indígenas no Brasil, deixando um legado grandioso que une, por meio de seus conhecimentos, diferentes gerações de linguistas, antropólogos, historiadores, professores e comunidades indígenas. De sua breve passagem como professor do Departamento de Antropologia (DEAN) da UFPR, no início da década de 1960, estabeleceu seus primeiros contatos com o povo Xetá, pertencente ao tronco Tupi.

A partir de então, até aproximadamente o ano de 2011, documentou e registrou a língua Xetá, compondo um arquivo sonoro. O material é constituído de histórias, narrativas, cantos e vocabulários a partir do qual, ao longo dessas

décadas, desenvolveu estudos referentes à estrutura linguística, descrição, transcrição, digitação e análise morfológica da língua Xetá. Nesse processo, comparou e analisou as semelhanças com outras línguas do tronco Tupi, sendo o trabalho realizado em companhia e com a colaboração de seus amigos Xetá.

Em um momento específico desses trabalhos, entre os anos de 2009 e 2011, tive o privilégio de participar de eventos de estudos da língua Xetá que contaram com a participação de Aryon Rodrigues e representantes dos grupos familiares. Escrever sobre essas experiências é rememorar com alegria uma série de encontros, relações e imagens que atravessam minha memória. Desses momentos, guardo com imenso carinho e admiração - e tenho argumentos para afirmar que nossos amigos Xetá também - a generosidade com que o linguista compartilhou o seu tempo, a sua atenção e os seus conhecimentos.

Este artigo é uma ótima oportunidade para refletir sobre esses momentos, sobre a importância de suas pesquisas e documentação da língua Xetá, assim como da longa relação entre o povo e o professor Aryon, como é carinhosamente chamado pelos grupos familiares. Os encontros, a amizade e a relação de confiança ultrapassam décadas, gerações e sua presença transcende, na memória do povo, o tempo de sua existência. Como pesquisador ou amigo, professor Aryon foi e ainda é o detentor de seus bens mais preciosos: a língua e a história Xetá.

Os primeiros encontros: a documentação da língua Xetá

Os primeiros encontros entre o professor Aryon e o povo Xetá ocorreram nos anos de 1960 e 1961, quando o linguista esteve no acampamento das famílias de Adjatukã e Eirakã [Arigã]¹, localizado na floresta Serra de Dourados², região noroeste do estado do Paraná. À ocasião, esses encontros fizeram parte do contexto de expedições científicas organizadas pela 7ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção ao Índio (IR/SPI), em parceria com o professor e antropólogo José Loureiro Fernandes, da então Universidade do Paraná (UPR)³. Com o objetivo de contatar, identificar e pacificar grupos familiares indígenas na região, noticiados desde o final da década de 1940, as instituições organizaram essas expedições entre os anos de 1955 e 1961⁴.

À frente das equipes científicas, Loureiro Fernandes levou Kaiuá e Tucanambá, dois meninos capturados na Serra dos Dourados⁵, como intérpretes e guias na floresta.

1 Localizado próximo a Fazenda Santa Rosa, no Córrego 215, à margem esquerda do Rio Ivaí (Kozák, 1981, p. 30).

2 Região em que atualmente estão localizados os municípios de Umuarama, Ivaté e Douradina, estado do Paraná.

3 Hoje, UFPR.

4 Em 1954, ao ser noticiada a presença de um grupo familiar indígena na Fazenda Santa Rosa, o SPI reconheceu a necessidade de conduzir uma ação indigenista efetiva na Serra dos Dourados.

5 Entre os anos de 1947 e 1953 (Mota; Faustino, 2018), a 7ª IR/SPI enviou a Serra dos Dourados, servidores que encontraram primeiramente acampamentos e vestígios de

Além disso, convidou antropólogos, linguistas arqueólogos, geógrafos, taxidermistas, biólogos, jornalistas e fotógrafos⁶ para participar das expedições e colaborar nos estudos e pesquisas sobre os grupos familiares. Entre esses se destacam pesquisadores nacionais e estrangeiros, tais como o fotógrafo e cinetécnico tcheco Vladimír Kozák, a arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, o linguista tcheco Čestmír Loukotka e o curitibano Aryon Dall'Igna Rodrigues.

À época, seguindo teorias evolucionistas, os pesquisadores que participaram das expedições científicas vislumbravam a extinção do povo Xetá, dada a pressão e a violência colonizadora sobre seu território originário. Desse modo, as expedições científicas à Serra dos dourados tiveram também como objetivo a constituição de coleções etnográficas, arqueológicas, iconográficas e linguísticas, como forma de preservar os 'traços culturais', isto é, a cultura material e imaterial. Data desse contexto a coleta de artefatos de uso pessoal e ritual, de material lítico, a produção de filmes e fotografias e a documentação da língua, por meio de gravações magnetofônicas. Somase a essa produção as anotações, os cadernos de campo e os documentos produzidos pelos pesquisadores acerca das coisas, das relações e do modo de vida Xetá na floresta da Serra dos Dourados.

Todo esse material possui um valor imensurável para o povo Xetá na contemporaneidade. No entanto, neste artigo, abordaremos em específico a relação que os grupos estabeleceram e ainda estabelecem com os arquivos linguísticos e sonoros do professor Aryon. Nesse sentido, merece nossa atenção as últimas expedições científicas realizadas na Serra dos Dourados, nos anos de 1960 e 1961.

Coordenadas por Aryon Rodrigues, à época professor da disciplina de Língua Tupi-guarani do Departamento de Antropologia da UFPR, os trabalhos foram realizados ao lado de Tucanambá, do fotógrafo e cinetécnico Vladimír Kozák e da arqueóloga Annette Laming-Emperaire. Nessas ocasiões, o contato ocorreu no acampamento de Adjatukã e Eirakã [Arigã]⁷, respectivamente com suas esposas Natjé e Aluá [Iati], Mã, Nhengo e com as crianças Ana Maria Tiguá (filha de Arigã), Tiguá (filha de Adjatukã), Maria Rosa Tiguá (filha de Iratxamëway), Geraldo e Tikuein (filhos de Mã).

Desses encontros, professor Aryon registrou:

Esses dois casais foram os últimos do povo Xetá que tentavam sobreviver na mata com seus filhos. Nunca mais se teve notícia de outros vivendo nas florestas que vinham sendo derrubadas e

armadilhas, artefatos, alimentos e fogueiras no interior da floresta. Em junho de 1952 e novembro de 1953 dois meninos indígenas, nomeados como Kaiuá e Tucanambá, foram capturados por agrimensores e levados por servidores do órgão indigenista para Curitiba. Em conjunto, esses fatos documentados pelos servidores da 7ª IR/SPI confirmaram a presença de grupos familiares indígenas na região, que, no entanto, à época, foi negado pelos dirigentes superiores do SPI e do Estado paranaense.

6 Participaram também das expedições o proprietário e o administrador da Fazenda Santa Rosa, mateiros, agrimensores, colonos da região e servidores do SPI.

7 Localizado próximo a Fazenda Santa Rosa, no Córrego 215, à margem esquerda do Rio Ivaí, região oeste do estado do Paraná (Kozák, 1981, p. 30).

A partir do incentivo e solicitação dos pesquisadores, os indígenas confeccionaram artefatos que compõem atualmente as coleções etnográficas do povo Xetá⁸. Além disso, o linguista foi o responsável por realizar gravações magnetofônicas que resultaram em um arquivo linguístico e sonoro constituído de palavras, narrativas, mitos e cantos do povo Xetá.

Registros etnográficos de Kozák, Loureiro Fernandes, Laming-Emperaire (1978) e Rodrigues (2013) ressaltam uma série de conflitos que marcou o contexto das expedições junto aos grupos familiares Xetá. Envolveria a presença constante de pesquisadores e suas solicitações para que confeccionassem artefatos para as coleções. Conforme registraram os estudiosos, as exigências afetavam o humor e as emoções dos indígenas:

Tipologia, fabricação, utilização, subitamente tornaram-se gestos cotidianos, acompanhados de gritos, risos, de bom ou mau humor, da chuva ou do Sol, integrados na vida real. O bom estado do gume verificado pelo ensaio do dedo do fio do instrumento e demonstrado por um sorriso satisfeito, e o utensílio quebrado por uma exclamação de mau humor (Laming-Emperaire, 1978, p. 23).

De fato, havia uma tensão entre a lógica de relações, saberes e produção de artefatos indígenas e a epistemologia dos pesquisadores, interessados em se apropriar de suas coisas com objetivos científicos.

Para Laming-Emperaire o desinteresse dos indígenas em confeccionar artefatos estava diretamente relacionado ao desuso destes na vida cotidiana, bem como à crescente introdução de ferramentas e utensílios não indígenas como desdobramento do processo de contato. Contudo, uma observação da arqueóloga sugere outro entendimento acerca dessa situação: “[...] atos provocados permanecem incompletos e de pouco interesse, enquanto que os atos espontâneos foram mais ricos de ensinamentos” (1978, p. 29).

E a espontaneidade parece ter sido a marca da relação estabelecida pelo professor Aryon e que conquistou os grupos familiares Xetá. Segundo Kozák, as gravações realizadas pelo linguista foram um momento especial, visto que respeitavam a dinâmica de relações e produção dos saberes indígenas. Ocorria geralmente à noite, perto do fogo, obedecendo também o horário específico para as narrativas e a execução dos cantos:

O canto do urubu foi cantado por Arigã e por Ažatukã no dia 25 depois do almoço. Entusiasmaram-se tanto, que queriam continuar a

8 Encontram-se atualmente no Museu Paranaense (Mupa), Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFPR) e na coleção particular do professor Aryon Rodrigues.

repeti-lo até ao anoitecer. O canto da jacutinga e o do surucúá foram cantados por Arigã no dia 26, nas horas correspondentes. Dia 26, ali pelas 9hs., Ažatukã foi buscar água e, na margem do rio, pôs-se a cantar o canto do urubu. Ouvia-se da aldeia o seu canto. Perguntado, disse o Tuca que cantam também na festa da perfuração dos lábios, mas que não só nela e sim também quando querem. Ao nascer o sol, dia 26, depois de Arigã ter cantado [para gravarmos] o surucúá, Ažatukã quis cantar o canto do pai de Arigã. Fê-lo a primeira vez intercalando algumas frases cantadas. Como as crianças falaram durante a gravação, pedi-lhe que repetisse. Fê-lo então, porém sem as frases. A melodia, entretanto, difere consideravelmente da dos outros cantos até agora registrados (Rodrigues, 2013, p. 59. Grifo do autor).

Segundo as anotações de campo de Kozák, as gravações sonoras eram usadas para “quebrar o gelo”, isto é, eram momentos de aproximação com os grupos familiares. Ouvir suas vozes no gravador os alegrava e os surpreendia, principalmente as crianças, levando o cinetécnico a se referir a esses momentos como de grande êxito, de sucesso extraordinário e de felicidade.

Esses acontecimentos ficaram registrados na memória de Tucanambá, à época, levado como intérprete e colaborador dos estudos de língua Xetá, e que alguns anos depois comentou com Silva:

O gravador e as vozes dos narradores exibidas nele foi algo tão inusitado quando ouvido pelo grupo, que as três crianças da aldeia, entre elas Tigúá (filha de Eirakã, hoje uma das sobreviventes do povo Xetá) reproduziram uma réplica do aparelho em madeira e a exibiram para o pesquisador (Silva, 2004/2005, p. 29).

Laming-Emperaire registrou esses momentos e incluiu uma foto no seu artigo *Objets et mondes: larevue du Musée de l’Homme* (1964) com a seguinte legenda: “Ayatukã escuta no magnetofone a história que nos contou na noite anterior” (Laming-Emperaire, 1964, p. 274). Na fotografia é possível ver seu largo sorriso.



FOTO 1 - Aryon Rodrigues, Tuca, Natjé, Adjatukã, Mã e Arigã, Serra dos Dourados, fevereiro de 1961.

No decorrer de minha pesquisa para o doutorado, ao ouvir essas gravações, que se encontram disponíveis em formato de fita K7 no acervo do Centro de Pesquisas Arqueológicas do DEAN/UFPR, foi possível perceber as gargalhadas de Adjatukã e Eirakã[Arigã], mulheres e crianças, durante as gravações de suas narrativas.

Diferente de Kozák e Loureiro Fernandes, que estabeleciam um roteiro prévio para os filmes e fotografias, o linguista parece não ter estabelecido regras para a execução dos cantos e narrativas. De modo consciente ou não, o certo é que esta metodologia se desdobrou em maior envolvimento, entusiasmo e espontaneidade dos indígenas, abrindo espaço para Adjatukã dar sugestões durante as gravações, tal como “Só depois do jantar, que foi entre 5 e 6 horas é que se dispuseram a gravar. Mas aí Hadjatukã deu a ideia de que se gravasse um “discurso de chegada”, i.é, o que a pessoa que chega de fora à aldeia, diz ao ser recebida”(Rodrigues, 2013, p. 151).

Com efeito, professor Aryon optou por uma relação amigável e compartilhada de produção de material junto com os indígenas, revelando a autonomia e a criatividade com que esses atuaram nesse processo.

Para mais, é preciso acentuar a riqueza inigualável do conteúdo linguístico, etnográfico e histórico dos registros sonoros e dos cadernos de campo do professor Aryon e que ultrapassam o espaço-tempo de sua produção. Ao refletir sobre os arquivos Xetá produzidos por Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, Lima (2018) pondera sobre “a segunda vida” desses documentos, visto que extrapolam os objetivos iniciais em que foram pensados e produzidos. Na contemporaneidade, ganham novos sentidos e

147

[...] vêm servindo, aos novos pesquisadores e aos próprios indígenas, para fins políticos: seja com vistas à demarcação do antigo território xetá – processo que ainda não foi concluído pelo Estado –, seja pelo reconhecimento da memória da violência sofrida pelo grupo (Lima, 2018, p. 573).

E a reflexão de Lima é válida também para o arquivo linguístico produzido pelo professor Aryon, que em diferentes momentos ganha novos contornos, usos e significados para diferentes gerações do povo Xetá. Subvertendo a teoria de Loureiro Fernandes, se as coleções e arquivos pretendiam registrar e documentar etnograficamente um povo ‘a caminho da extinção’, na contemporaneidade essas coisas testemunham o seu inverso, isto é, a existência Xetá enquanto povo vivo (Lima, 2018, p. 584).

O processo de contato do povo Xetá foi marcado pela violência e resultou no extermínio e desterritorialização forçada dos sobreviventes da floresta da Serra dos Dourados⁹. Abruptamente, seu território originário foi desmatado e transformado em fazendas, lavouras, estradas, pontes e cidades, impactando sobre as áreas de subsistência, trânsito e acampamento dos grupos familiares, atingindo de modo violento seus corpos e relações em diferentes domínios sociocosmológicos (Silva, 1998). No contexto das expedições científicas, grande parte dos indígenas foram mortos pelos colonizadores, de modo direto ou indireto, por meio da transmissão de doenças, envenenamentos, fugas na floresta, raptos de mulheres e crianças.

No início da década de 1960, Loureiro Fernandes já os considerava efetivamente ‘extintos’, visto que haviam desaparecido da região de floresta. Os poucos sobreviventes se reduziam às crianças do grupo familiar que se aproximou da fazenda Santa Rosa. Eram eles: Tikuein (filho de Mã), Tucanambá, Ana Maria Tiguá (filha de Eirakã), Maria Rosa ã (irmã de Kaiuá), Maria Rosa Tiguá Brasil (filha Iratxamëway), Kuein e os irmãos Tiquein e Rondon (filhos de Eirakã e Iati) (Silva, 1998). Desses, hoje, cinco estão vivos: Ana Maria Tiguá¹⁰, Maria Rosa ã¹¹, Maria Rosa Tiguá¹², Rondon¹³ e Kuein¹⁴. Denominados por Silva (1998) de sobreviventes do extermínio, esses foram separados e transferidos compulsoriamente, por servidores do Serviço de Proteção ao Índio/Fundação Nacional do Índio, para outras Terras Indígenas dos estados do Paraná e Santa Catarina. Essa ação, orquestrada pelo Estado brasileiro, desestruturou seus laços e relações de parentesco e fragmentou todo o processo de transmissão de seus conhecimentos ancestrais, tais como a língua, os cantos, as histórias, os rituais, o domínio da natureza etc.

A princípio, o povo teria cumprido a trajetória histórica de extinção antevista por antropólogos evolucionistas, entre eles Loureiro Fernandes (1959). Concebidos por meio de ‘traços de sua cultura material’,

9 No final da década de 1940, no intuito de assegurar o domínio político-econômico sobre as terras na fronteira oeste e noroeste do estado, o governo do Paraná traçou um plano de gestão, colonização e desenvolvimento agrícola voltado especificamente para essas regiões. Orientado pela ideologia do vazio demográfico (Mota, 1998), o Estado loteou, dividiu e concedeu terras e vantagens econômicas a particulares e companhias colonizadoras, nacionais e estrangeiras. A partir de então, fazendeiros, engenheiros, guardas-florestais, agrimensores, mateiros e colonos vindos de diferentes regiões do país, invadiram e destruíram a região de floresta conhecida como Serra dos Dourados, localizada no noroeste do estado paranaense.

10 Reside com seu filho na cidade de Douradina, região noroeste do estado do Paraná, localizado sobre o território originário do Povo Xetá.

11 Reside com seu grupo familiar no município de Umuarama, região noroeste do estado do Paraná.

12 Reside com seu grupo familiar na Terra Indígena Rio DAreia, região centro-sul do estado do Paraná.

13 Reside com seu grupo familiar no município de Chapecó, estado de Santa Catarina.

14 Reside na Terra Indígena de Marrecas, município de Turvo, região centro-sul do estado do Paraná.

‘autenticidade’, ‘pureza’ e de uma visão estática de cultura, os grupos familiares Xetá permaneceram - para boa parte das instituições do Estado, meios de comunicação, pesquisadores e demais setores da sociedade não indígena - congelados no tempo e no espaço (Passos, 2021, p. 03). Contudo, ao longo dessas décadas, encontraram estratégias, individuais e coletivas, para se (re) constituir enquanto povo culturalmente distinto.

Os casamentos e os vínculos afetivos com pessoas dos povos Guarani, Kaingang e, também, com não indígenas, as alianças político-econômicas nas Terras Indígenas em que passaram a residir, os encontros familiares e o processo de reivindicação do território originário deram novos contornos à história Xetá dos sobreviventes. Esse processo é complementado na relação estabelecida, ao longo de décadas, com pesquisadores, particularmente como antropólogos, historiadores, linguistas, jornalistas e com instituições públicas, universidades e museus.

Na década de 1990, a antropóloga Carmen Lúcia da Silva, à época servidora do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFPR), colocou os sobreviventes do extermínio em contato com as coleções etnográficas e arquivos documentais e linguísticos produzidos durante as expedições científicas. Entre esses materiais estavam as gravações, as histórias, as palavras e os cantos que compõem o arquivo linguístico do professor Aryon. Os efeitos desse contato ecoam na memória dos sobreviventes e dos seus descendentes, mobilizando suas noções de tempo, espaço, parentesco, afeto, política e violência.

Nas ocasiões em que ouviam as gravações de áudio com Silva (2003), Tucanambá, Kuein e Tikuein (Mã) ocupavam uma dupla posição: de ouvintes e também de narradores das histórias Xetá. Nessas ocasiões, a pesquisadora observou que seus interlocutores buscaram reconstituir as relações e o contexto em que esses eventos aconteciam no espaço-tempo do *mato* (2003, p. 55), isto é, da Serra dos Dourados: “Ao ouvir as primeiras gravações, Silva registrou que Tucanambá solicitou a Kuein para preparar um mate, -*kukwaj* e anunciou “[...] *vamos fazer que nem lá na aldeia, vamos tomar mate enquanto escutamos histórias*” (Silva, 2003, p. 55).

Tuca também narrou para Silva (2003) alguns momentos que lhe permitiram (re)produzir o sistema narrativo do espaço-tempo do mato e, entre esses, descreveu o diálogo que estabeleceu com professor Aryon, visto que debatiam questões acerca da língua Xetá (Passos, 2021, p. 244).

Silva também destacou um diálogo entre Tikuein(Mã) e Kuein que revela a potência dos arquivos linguísticos em trazer para o espaço-tempo presente não apenas o modo de vida, mas a presença dos *antigos*¹⁵:

15 Categoria ao qual incluem todos os parentes ancestrais, situados em diferentes espaços e tempos, dos imemoriais, os míticos, da Serra dos Dourados e os sobreviventes do extermínio (Silva, 2003; Passos, 2021).

Tikuein: *Está entendendo Kuein?*

Kuein: *“Tô entendendo sim, é meu irmão que está contando a história da caça do porco do mato. É ele que está falando, que está contando. Adjatukã também está falando, está perguntando para o meu irmão. Ele conta com o meu irmão, ele que vai perguntando, vai ensinando meu irmão.*

Tikuein: *É a mesma coisa que estar vendo ele aqui! Parece que ele está aqui. É o jeitinho dele. Adjatukã está ajudando Arigã* (Silva, 2003, p. 54).

A partir das pesquisas de Carmen, Tucanambá, Tikuein (Mã) e Kuein retomaram também o contato com o linguista. Tikuein (Mã) viajou algumas vezes a Brasília, onde ouvia as gravações e realizava pesquisas a respeito da língua Xetá junto ao professor Aryon. Em uma dessas ocasiões, Tikuein (Mã) faleceu, evento sempre lembrado com narrativas emocionadas de seus descendentes e que envolve os anos de amizade do pai com o linguista.

Após a morte de Tikuein (Mã) e Tucanambá, seus grupos familiares se mobilizaram para manter a relação de pesquisa e amizade com o professor Aryon. E aí, teve início um terceiro momento de encontros entre o linguista e o povo Xetá.

Jané Rekó Paranhá – o contar de nossa existência: as lutas e os afetos do povo Xetá

150

Em outubro de 2007, durante encontro promovido pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), representantes do povo Xetá reuniram-se no município de Guarapuava – PR, juntamente com autoridades, apoiadores e convidados¹⁶. O objetivo foi de discutir sobre o processo de reconhecimento de seus direitos juridicamente garantidos, entre eles a educação escolar indígena. Na ocasião, o povo solicitou políticas públicas para desenvolver estudos e “revitalizar” o uso social da língua Xetá. Oportunamente, Tiquein Xetá enfatizou: *“É manter viva a nossa língua”*¹⁷.

Nesse mesmo ano, a instituição responsável pelo atendimento em educação escolar indígena no estado do Paraná acatou uma recomendação do Ministério Público Federal e organizou uma reunião com os representantes dos grupos familiares Xetá. À época, como técnica-pedagógica da equipe de Educação Escolar Indígena da instituição, desempenhei a função de organizadora desta reunião, que tinha como objetivo construir uma política pública educacional voltada especificamente para o povo. Foi nesse contexto

16 Ministério Público de Londrina, Fundação Cultural de Umuarama, CIMI regional de Guarapuava, FUNAI, ONG Aldeia Brasil, SEED e lideranças Guarani e Kaingang.

17 Disponível em: <https://cimi.org.br/2007/10/26590>. Acesso em: 09 fev. 2025.

que, em junho de 2008, estabeleci meu primeiro contato com os grupos familiares Xetá e com o professor Aryon, que também esteve presente.

Durante a reunião, Claudemir, filho de Tikuein (Mã), descreveu o encontro como de grande importância para a luta e a conquista de direitos de seu povo e retomou o desejo dos grupos familiares em revitalizar a língua Xetá. Segundo Claudemir, seu pai alertou os filhos e filhas que “[..] *um dia os brancos vão duvidar dos indígenas que não falam a língua*”. Desse modo, o propósito Xetá era fortalecer sua identidade, historicamente negada, por meio do ensino-aprendizagem da língua na escola¹⁸, com a contratação de um professor representante do povo.

Nesse contexto, a dificuldade apontada pelas instituições¹⁹, responsáveis por dialogar com os grupos familiares, dizia respeito ao contexto sociolinguístico contemporâneo da língua Xetá. Entre os sobreviventes do extermínio, Kuein e Maria Rosa ã seriam os únicos falantes da língua. O primeiro, considerado falante ativo, naquela ocasião, encontrava-se doente²⁰. ã era considerada falante passiva, isto é, compreendia, mas não se expressava na língua, sobretudo na presença de não indígenas.

Diante do desafio, os grupos familiares Xetá apresentaram uma solução, que era ao mesmo tempo uma reivindicação permeada de múltiplos significados: acesso aos arquivos linguísticos do professor Aryon e também às coleções etnográficas, então musealizadas.

A partir da reivindicação Xetá, em dezembro de 2008, foi constituído o Grupo de Trabalho *Jané Rekó Paranhá* – o contar de nossa existência. As instituições partícipes²¹, representadas por uma equipe científica de antropólogos(as), historiadores(as), arqueólogos(as), linguistas e educadores, junto com os representantes dos grupos familiares Xetá organizaram uma série de oficinas, encontros e reuniões entre os anos de 2009 e 2013.

Durante as atividades do GT, os irmãos Júlio, Claudemir e Dival se destacaram em seus conhecimentos da língua e foram protagonistas nas atividades. Assim como o pai Tikuein (Mã), Júlio viajou a Brasília para aprofundar conhecimentos e auxiliar o professor Aryon em suas pesquisas da língua Xetá, o que lhe permitiu acessar o seu arquivo linguístico e aprofundar seus conhecimentos. Com apoio de seu grupo familiar, à época, Júlio estava sendo preparado para assumir o cargo de professor da língua Xetá, função que exerce na atualidade.

Entre as atividades do GT, houve momentos específicos de estudos da língua, eventos denominados *Oficina para Estudos da Língua Xetá*. Com

18 No Colégio Estadual Indígena Cacique Kofej, localizado na Terra Indígena de São Jerônimo, município de São Jerônimo da Serra, região norte do estado do Paraná. Nesta Terra Indígena, o grupo familiar de Tikuein (Mã) reside desde o final da década de 1980.

19 Secretaria Estadual de Educação, FUNAI, MEC, Mupa, MAE/UFPR e Universidades.

20 Embora as instituições tenham movimentado inúmeros esforços para incluí-lo em um programa de revitalização, sem condições físicas, Kuein não conseguiu colaborar.

21 Entre as instituições parceiras, foram incluídas nas ações a Secretaria Estadual de Educação, Secretaria Estadual de Assuntos Estratégicos, Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, Ministério da Educação, Fundação Nacional do Índio, Museu Paranaense, Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, a Universidade Estadual de Maringá, Universidade do Mato Grosso (Passos, 2021).

professor Aryon à frente dos trabalhos, refletiram sobre a estrutura gramatical, estabeleceram comparações linguísticas, propuseram metodologias de ensino e produziram material. Entre esses, de modo colaborativo, produziram e publicaram com o professor Aryon o *Vocabulário Ilustrado Xetá: Xetá-Português* (2013). Elaborado com finalidades didáticas, esse material é utilizado, até o momento, em sala de aula para o ensino da língua Xetá. Quanto ao conteúdo, observa-se que ele é integralmente constituído por vocábulos de animais, partes do corpo, adornos e artefatos que remetem à *vida dos antigos no tempo do mato*.

Apesar de sua idade avançada, professor Aryon participou ativamente dos trabalhos do GT, o que lhe exigia disposição para viagens a Curitiba, Londrina e Terra Indígena de São Jerônimo, horas intensas de trabalho ao longo do dia e solicitações constantes por parte dos Xetá e instituições.

Em uma determinada ocasião, o GT organizou uma visita dos grupos familiares Xetá ao Museu Paranaense (MUPA) e ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE/UFPR). Em um desses momentos, tive a oportunidade de acompanhá-los a uma visita ao Museu Paranaense e, assim como a pesquisadora Araújo (2012) também registrou, observei que os grupos familiares solicitavam ajuda do professor Aryon quando tinham dúvidas ou para ouvir as histórias dos *antigos*. Nesses instantes, não se limitaram a compartilhar apenas os conhecimentos, visto que foram repletos de afeto de ambos os lados, levando os grupos familiares expressarem suas emoções, que oscilavam entre o riso e o choro. Para as famílias Xetá, professor Aryon é aquela pessoa que experienciou, viveu, sentiu e registrou a vida Xetá, foi até o *mato* e esteve junto com os *antigos*.

152

A emoção marcou assim as atividades do GT, tanto pela presença do linguista, quanto pela especificidade dos seus arquivos sonoros, na medida em que ouvir a voz dos *antigos* os transporta para o espaço-tempo *do mato* e (re)cria a potência de se reconhecerem como um povo *vivo*.

Assim como Tucanambá, Kuein e Tikuein (Mã), frente aos arquivos linguísticos e sonoros do professor Aryon, os grupos familiares estiveram na posição de ouvintes e narradores de histórias Xetá. E a potência de remeter à *vida dos antigos* também marcou essas experiências.

Claudemir, ao ser apresentado aos áudios em que Adjatukã e Eirakã[Arigã] narram histórias e cantos na língua Xetá, foi solicitado a falar. No entanto, reivindicou a presença de seu irmão mais velho, Dival. Justificou a solicitação afirmando que o irmão poderia colaborar e complementar as suas narrativas. Segundo a antropóloga Carmen da Silva, no espaço-tempo dos *antigos*, para a narrativa Xetá ocorrer era necessário um narrador principal, “um que conta e outro que auxilia [...]” (2003, p. 63). Assim como Silva (2003), ao longo de minhas pesquisas com os grupos familiares, observei que diante dos arquivos, Claudemir também buscava (re)criar o contexto ideal de contar as histórias Xetá, isto é, fazer como os *antigos*.

Passados alguns anos, quando estive na Terra Indígena de São Jerônimo para minha pesquisa de doutorado, também compartilhei com o grupo familiar que ali reside, as gravações de áudio realizadas por Aryon Rodrigues. Ao ouvir as gravações, Claudemir afirmou, “[...] *os antigos quando acordavam no mato, comiam algo e depois cada um fazia uma atividade*”. E Benedita complementou: “[...] *é como hoje, nós acordamos, tomamos um café e cada um vai fazer suas atividades, os homens as suas, as mulheres as delas*” (TI de São Jerônimo, outubro de 2017).

Em outra ocasião, Claudemir foi tomado pela emoção e chorou por um longo tempo. Após um longo silêncio e choro ritual tentou identificar a quem pertenciam às vozes e afirmou: “[...] *viajei no tempo, fico pensando que eles estão aqui com a gente*” (TI de São Jerônimo, outubro de 2017). Como vimos anteriormente, ao ouvir as vozes de Adjatukã nas gravações realizadas na Serra dos Dourados, Tikuein (Mã) teria observado: “*É a mesma coisa que estar vendo ele aqui! Parece que ele está aqui*” (Silva, 2003, p. 54). Silva (1998) destacou que o contexto de sua pesquisa etnográfica, permeado das histórias dos *antigos*, se transformou em uma relação capaz de convocar a presença da sociedade exterminada (1998), marcando um tempo de relações vividas no em um ‘antes’ junto aos parentes, permeado de alegria, cuidado e afeto. Segundo Silva (1998, p. 247), “*É como se fosse hoje*” foi uma das expressões que mais ouviu durante o contexto de sua pesquisa.

Em resumo, ao trazer os *antigos* para o tempo presente, os arquivos do professor Aryon registram simultaneamente um ‘antes’ e um ‘agora’. Como mediadores de diferentes contextos, adquirem múltiplos sentidos quando se leva em consideração diferentes aspectos do mundo lembrado e do mundo vivido Xetá, revelando uma temporalidade marcada pelo afeto. É o afeto que instaura uma lógica constitutiva para a vida Xetá ao reintegrar no tempo presente as relações interrompidas bruscamente pela violência do contato.

Referências

ARAÚJO, R.C. **Educação escolar e os indígenas Xetá no Paraná: uma abordagem da teoria histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação). Maringá: UEL, 2012. Disponível em: <http://old.ppe.uem.br/dissertacoes/2012/2012%20-%20Rita.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FERNANDES, L. Os índios da Serra dos Dourados: os Xetá. Separata de Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais III RBA**, Recife, p. 27-46, 1959.

FERNANDES, L. Os índios da Serra dos Dourados. **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological Research**, Vienna, n.5, p. 151- 154, 1962.

KOZÁK, V. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, Vol. XXXVIII, p. 11-120, 1981.

KOZÁK, V.A **história hetá**. Datilografado. Curitiba, Museu Paranaense, [s.d.]

LAMING-EMPERAIRE, A. Les Xeta, survivants de L'age de la Pierre. **Revue du Musée de l'Homme**, Paris, tome IX, 1964.

LAMING-EMPERAIRE, A.; MENEZES, M.J.; ANDREATA, M.D. O trabalho da pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados, Estado do Paraná. **Coleção Museu Paulista: Série ensaios**, São Paulo, n.2, p. 19-82, 1978.

LIMA, E.C. De documentos etnográficos a documentos históricos: a segunda vida dos registros sobre os Xetá (Paraná, Brasil). **Revista de Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, v.08.02, p. 571-597, mai/ago., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/6NhqnXxnxCnJjJG7tGsdMYp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MOTA, L.T. O aço, a cruz e a terra: índios e brancos no Paraná provincial 1853-1889. Tese (Doutorado em História) Assis: Unesp, 1998.

MOTA, L.T.; FAUSTINO, R.C. **O SPI e os Xetá na Serra dos Dourados – PR**: acervo documental 1948 a 1967. Maringá: EDUEM, 2018.

PASSOS, L.R.B.; **As coisas Xetá**: pessoas, instituições e coleções. Tese (Doutorado em...) Curitiba: DEAN/UFPR, 2021.

RODRIGUES, A.D. A Língua dos índios Xetá como dialeto Guaraní. **Separata de Cadernos de Estudos Linguísticos**, São Paulo, n.1, p. 7-11, 1978.

DOS PASSOS, L. R. B.
*NOTAS SOBRE
LÍNGUA, HISTÓRIA
E AFETOS:
PROFESSOR ARYON
E O POVO XETÁ*

RODRIGUES, A.D. Reminiscências de Loureiro Fernandes. IN: **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba: CEPA/UFPR, vol.3, p. 53-62, 2005.

RODRIGUES, A.D. **Cadernos de campo Xetá**. Maringá: EDUEM, 2013.

RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C; SILVA, C.; SILVA, J.C.; MOTA, L.T; FAUSTINO, R.C. **Vocabulário Ilustrado Xetá**. Xetá-Português. Maringá :EDUEM, 2013.

SILVA, C.L. **Sobreviventes do extermínio**: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Florianópolis: UFSC, 1998.

RODRIGUES, A.D. **Em busca da sociedade perdida**: o trabalho de memória Xetá. Tese (Doutorado em Antropologia) Brasília: UnB, 2003.

RODRIGUES, A.D. Os Xetá da Serra dos Dourados. **Encontros do Departamento de Antropologia**. Curitiba, DEAN/UFPR, 2004/2005.